

Nosso problema agora é com o Japão

Agora são os japoneses que hesitam em participar do empréstimo-jumbo de 4,4 bilhões de dólares ao Brasil, segundo informaram ontem fontes do mercado bancário em Nova York.

Desde sexta-feira, praticamente não mudou o quadro da captação do projeto 1, coordenado pelo Banco Morgan Guaranty. Até então o Brasil havia obtido pouco mais de 2,5 bilhões de dólares. A lentidão com que caminha o projeto é atribuída, em parte, ao atraso da resposta dos japoneses.

De qualquer maneira, eles têm um bom prazo pela frente. O governo o estendeu até março. Mas alguns bancos ainda têm esperança de que a maior parte do jumbo possa ser arrebatada até o final de janeiro.

Sérgio de Freitas, diretor da área externa do Banco Itaú, de São Paulo, afirmou ontem a este jornal que "a situação é realmente difícil, mas temos de dar seqüência e completar os quatro projetos (financeiros) do governo em tempo".

— Esperamos que as providências que estão sendo tomadas dêm os resultados previstos — afirmou. Nas suas conversas com banqueiros internacionais, Freitas percebeu que estão todos muito preocupados, mas que as coisas estão indo.

— Não há como não completar os projetos, disse. — As implicações seriam enormes. Na sua opinião, os projetos três e quatro são os mais difíceis. O projeto 3 trata dos créditos comerciais a curto prazo e o quarto, das linhas de crédito interbancárias, também de curto prazo. O projeto 2 refere-se à extensão dos prazos para o pagamento das amortizações de 1983.

— Os quatro projetos são necessários, afirmou o diretor do Itaú. — Os quatro têm de ter êxito. Os quatro ou nada.

Freitas passou os últimos dois dias em Washington, participando da reunião de um grupo de banqueiros que criaram um instituto internacional para acompanhar a situação financeira dos países devedores. (Veja abaixo.)

Perspectivas pessimistas

O Brasil deverá crescer 1,5% em 1983, segundo projeções do Bank of America, que ontem divulgou seu estudo pessimista sobre as perspectivas da economia mundial. O maior banco dos Estados Unidos estima em 2% a queda do Produto Interno Bruto brasileiro em 1982.

A América Latina como um todo crescerá apenas 1,3%, o que significa que a renda real per capita da região declinará pelo terce-

Os bancos japoneses ainda não decidiram se vão ou não participar do empréstimo de US\$ 4,4 bilhões ao Brasil e estão atrasando a concessão de recursos novos ao País. Por A. M. Pimenta Neves, nosso correspondente em Washington.

ro. ano consecutivo, diz o banco com sede em São Francisco, Califórnia.

Ao mesmo tempo, o Bank of America projeta a inflação brasileira deste ano em 75%, próxima, portanto, dos níveis sugeridos pelo governo. Sua estimativa para 1982 é de 105%.

O PIB mexicano deverá cair 2% este ano, enquanto os da Argentina, Venezuela e Chile deverão aumentar, respectivamente, 2%, 1,4 e 2,5%. A economia mexicana teria crescido apenas 0,5% no ano passado e a da Venezuela, 0,7%. Em compensação, a da Argentina caiu 1% e a do Chile desmoronou (- 2%).

As mudanças mais dramáticas na região estão ocorrendo no México, disse o banco. O Brasil, a despeito de sua grande dívida externa, encontra-se em circunstâncias mais vantajosas. O prazo de sua dívida é mais longo e as obrigações do serviço da dívida até agora foram mais administráveis —, afirmou o estudo.

A economia mundial terá de crescer uns 2,3% este ano para que a dívida externa dos países do Terceiro Mundo possa ser administrada pela comunidade financeira, segundo afirmou ontem um alto funcionário do Bank of America, em Washington.

Ao divulgar sua "perspectiva econômica mundial de 1983", John Wilson, vice-presidente senior e economista-chefe do banco, disse que as instituições financeiras poderiam absorver alguns atrasos nos pagamentos comerciais, mas não uma inadimplência maciça do Terceiro Mundo.

— Se a economia global ficar em 1% (de crescimento) o problema da dívida externa dos países em desenvolvimento se tornará crítico e os bancos não serão capazes de refinanciá-la — disse.

Wilson estima que a economia mundial crescerá pouco mais de 2%, mas seu desempenho dependerá em grande parte do incerto comportamento dos Estados Unidos. O produto nacional bruto americano, prevê o grande banco, deverá au-

mentar entre 1,3% e 2,5% — isto representa uma recuperação particularmente lenta após três anos de quase estagnação —, afirmou.

O Bank of America só vê uma locomotiva capaz de resgatar a economia mundial de seu torpor — os Estados Unidos. Os outros membros da troika, Alemanha Ocidental e Japão, devem crescer 1,5% e 3%, respectivamente, o que julga insuficiente.

O grau da recuperação americana estará condicionado à política fiscal do governo Reagan. Wilson espera que as taxas de juros americanas caiam mais uns dois pontos de porcentagem neste ano, devendo elevar-se um pouco na segunda metade do ano, para cair de novo em seguida.

O mercado de capitais pode financiar a dívida pública dos Estados Unidos em 1983, mas de maneira alguma poderá absorver déficits de 200 bilhões de dólares nos próximos três anos fiscais, afirmou o banqueiro.

— A verdade é que os déficits não podem ser ignorados lembrou Wilson, que, depois de falar com a imprensa durante um almoço, foi expor suas impressões às autoridades do tesouro norte-americano. Além disso, por força da interdependência entre as nações, o desempenho dos Estados Unidos não só afetará os demais países como será afetado pelo que aconteça no exterior.

— Quando se considera o quadro global, tem-se de projetar um crescimento menor para a economia americana — disse Wilson. — O quadro só pode ser corrigido — insinuou — com a eliminação dos obstáculos constituídos pelos déficits públicos gigantescos, altas taxas de juros e excessiva dependência em relação a políticas monetárias rígidas.

A dívida externa dos países em desenvolvimento não é o principal problema de 1983, afirmou Wilson. O grande problema é o crescimento lento e o desemprego e suas eventuais consequências, até mesmo políticas.

O volume do comércio internacional também crescerá muito pouco em 1983, se crescer, segundo o Bank of America, dependendo dos investimentos e despesas de empresas e consumidores nos países industrializados.

O Bank of America, criado em 1904 por A. P. Giannini, tem cerca de 1.100 agências na Califórnia e 135 agências e escritórios no exterior. Em setembro de 1982, seus ativos superavam 120 bilhões de dólares.